

# FORMAÇÃO INICIAL: NECESSIDADES FORMATIVAS DAS PROFESSORAS

Maria Ozita de Araújo Albuquerque/SEDUC  
ozitaalbuquerque@hotmail.com

## RESUMO

O artigo é um recorte da dissertação de Mestrado da UFPI que realizamos no Programa de Pós-graduação em Educação defendida na Universidade Federal do Piauí, em que expomos o resultado de um trabalho investigativo sobre as necessidades formativas de um grupo de professoras que atuam nas séries iniciais e Educação Infantil da rede municipal e particular de Parnaíba. Foi uma pesquisa colaborativa em que adotamos como procedimentos metodológicos Entrevista semi-estruturada, Ciclos de Estudo e Sessões reflexivas, onde as professoras tiveram oportunidade de refletir sobre as necessidades formativas e o desenvolvimento profissional. O método adotado foi o Materialismo Histórico Dialético, uma vez que entendemos que a realidade não é estática, está em permanente transformação. Para o estudo nos fundamentamos nos autores, Hengemühle (2007), Kullook (2007), Ibiapina (2004), Mizukami (1996), Vigotski (2000), Esteves (1993) entre outros. No contexto educacional o levantamento das necessidades formativas deve servir de suporte para o planejamento dos conteúdos e das atividades formativas que auxiliarão o professor na (re)elaboração dos conhecimentos.

Palavras-chave: necessidades formativas, formação inicial, desenvolvimento profissional.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos a análise das necessidades formativas das professoras partícipes da pesquisa colaborativa que desenvolvemos no Programa de Pós-graduação, Mestrado em Educação, da Universidade Federal do Piauí.

Muito se discute sobre a qualidade da formação do profissional da educação que, atuará nas escolas, formando seres humanos. Assim, temos convicção da necessidade das instituições formadoras oferecerem uma formação sólida e de qualidade, a fim de que os profissionais formados nestas instituições possam atuar com competência no mercado de trabalho. Nesse sentido, Campos (2007, p. 88), entende competência como

“[...] a mobilização de um certo saber-fazer, integrando a uma situação de interação prática, que orienta a ação com discernimento”. Dessa forma, a formação por competência deve ser realizada por meio da integração entre sujeito, conhecimento e ação, em que se utiliza procedimentos pedagógicos que possibilitam a construção da prática de forma reflexiva consciente, dialógica e colaborativa.

Nesse contexto, entendemos que a formação inicial dos professores não deve ter um fim em si mesma, mas que aconteça num processo contínuo, possibilitando ao profissional docente exercer com competência a profissão. Assim, segundo Kullo (2004, p. 17) O conhecimento profissional é indispensável para que o professor entenda qual sua verdadeira função na escola e que,

[...] o professor também seja um aprendiz, alguém cuja curiosidade pelo saber esteja viva, cujo aprendizado ainda não tenha acabado, alguém que se sinta vivo, alegre, pesquisando, buscando compreender o objeto que elegeram como o seu campo de saber.

Esta discussão se insere no século que estamos vivenciando, denominado por muitos pesquisadores, a exemplo de Damis (2002), Pimenta e Anastasiou (2002), como o século do conhecimento e da informação. Nesse sentido, entendemos o conhecimento como algo que não tem um fim em si mesmo, haja vista que não o dominamos, pois sempre temos necessidade de aprender mais. Dessa forma, para Kullo (2004) a formação docente ocorre no decorrer da vida do profissional, na formação continuada, que tem como função permitir ao professor desenvolver-se profissionalmente.

Assim, cientes que a formação inicial deixa muitas lacunas, entendemos a importância dos professores estarem permanentemente participando de programas de formação continuada, a fim de que possam superar as necessidades e melhorar o desempenho profissional.

A seguir apresentamos as necessidades formativas das colaboradoras.

## 2. ANÁLISE DAS NECESSIDADES FORMATIVAS DAS COLABORADORAS

A formação docente é uma temática que tem despertado bastante interesse investigativo entre os estudiosos da educação, como Libâneo (1990), Mizukami (1996),

Candau (1996), Hengemühle (2007). Ela é considerada como uma das problemáticas centrais das reformas educativas. Este fato exige que se repensem os modelos formativos e as políticas de formação continuada da profissão docente.

De acordo com Candau (1996), a formação inicial deixa muitas lacunas, o que requer o investimento em formação continuada como mecanismo de desenvolvimento profissional. Este processo deve partir das necessidades formativas dos professores.

O que significa necessidade? Para Esteves (1993, p.12), a palavra necessidade é polissêmica, assume vários significados. Segundo o autor, a palavra necessidade é utilizada para “[...] designar fenômenos diferentes, como um desejo, uma vontade, uma aspiração, um precisar de alguma coisa ou uma exigência”. Devemos considerar como necessidade o que é indispensável para satisfação de uma carência da vida pessoal, social ou profissional.

As necessidades são relativas aos sujeitos e ao contexto em que estão inseridos, portanto não são independentes, decorrem, assim, de valores, pressupostos e crenças. Desta forma, podem ser individuais ou coletivas.

No contexto educacional, o levantamento das necessidades formativas deve servir de suporte para o planejamento dos conteúdos e das atividades do processo formativo. Para Esteves (1993, p. 20), “[...] o conhecimento rigoroso de uma situação é condição de uma intervenção pedagógica pertinente [...]”, haja vista que conhecendo as necessidades dos professores, podemos escolher melhor as estratégias e intervir na sua prática com mais segurança.

Desta forma, entendendo o processo formativo como complexo, os autores citados vêem a necessidade de os professores participarem de uma permanente formação continuada, visto que, como já afirmamos anteriormente, ficam muitas lacunas na formação inicial. Assim, segundo Ibiapina (2004, p. 124), a complexidade de formação dos professores formadores faz com que nem sempre as necessidades formativas sejam atendidas, daí a necessária “[...] realização de constantes revisões nesses percursos, no sentido de auxiliá-los a revisar, continuamente, seus discursos e suas práticas”.

Neste sentido, esta pesquisa partiu das necessidades formativas das professoras colaboradoras que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental e na educação Infantil. Diagnosticamos quais são as necessidades de formação que o grupo possui referentes à competência profissional de vincular teoria e prática no desenvolvimento da atividade docente.

Nesta perspectiva, analisar as necessidades das professoras (e as nossas próprias necessidades) significa ter conhecimento de interesses e de expectativas, o que exige ouvi-las. Segundo Esteves (1993), aqueles que vivenciam os problemas e buscam a sua solução têm maior propriedade de definir os objetivos de sua formação, a fim de garantir o ajustamento satisfatório entre programa – formador – formando. Neste sentido, as partícipes declararam as lacunas e as necessidades pessoais deixadas no processo formativo, relacionadas à vinculação entre teoria e prática.

De acordo com os enunciados das colaboradoras, a necessidade de conhecimento das teorias e dos teóricos é o que dificulta a articulação teoria e prática no desenvolvimento da atividade docente. É o que constatamos nos trechos a seguir:

ORQUÍDEA<sup>1</sup>: - Em minha formação inicial não houve uma ligação entre teoria e prática, os professores não deram oportunidade para ampliar minhas experiências, não possibilitam uma conexão entre o que aprendi teoricamente com a prática social. Muitas vezes, até a teoria ficava a desejar.

ROSA: - Atuando hoje em sala de aula, nós professores precisamos organizar e dirigir situações de aprendizagem para nossos alunos e com isso necessitamos de um conhecimento sobre os teóricos da educação e suas teorias. Na minha formação inicial observei que faltou um estudo sobre a questão dos pesquisadores com suas teorias e idéias que eles defendem.

XANANA: – O próprio estudo das teorias foi uma grande necessidade que não ficou suprida na minha formação inicial, então ficou difícil vincular teoria e prática, já que não se tem essa teoria.

VIOLETA: - O conhecimento amplo sobre os teóricos mais conhecidos e as perspectivas para a ação pedagógica:- O tempo de vinculação da teoria ao estágio, necessitava ser maior. Sugiro que seja a partir do primeiro período; - A estrutura renovada e com novidades educacionais na proposta pedagógica [...] Vejo que o graduando precisa ampliar, instigar mais sobre os assuntos do fluxograma do curso, caso contrário ficará sem nexos na vida acadêmica e terá dificuldades em vinculá-la a prática.

Este grupo de professoras afirma que a formação inicial não proporcionou o conhecimento dos teóricos e das teorias defendidas por eles, o que ocasionou a dificuldade de trabalhar teoria e prática de forma articulada.

Vigotski (2000) defende que o pensamento e a ação devem ser estudados de forma integrada, que o domínio de um sobre o outro deve ser evitado. Neste contexto, a ação do homem acontece em função de seu conhecimento, ou seja, o homem conhece

---

<sup>1</sup> Os nomes apresentados ao longo do texto são fictícios e foram escolhidos pelas próprias colaboradoras.

para agir, assim, a práxis humana é formada por dois elementos fundamentais que são o conhecimento e a ação. Neste sentido, a teoria em si mesma não transforma a prática, uma vez que precisa ser assumida por atos reais e efetivos daqueles que a utilizam.

As partícipes, tendo como referência a formação inicial que receberam, afirmam que a falta de conhecimento da teoria que orienta a prática pedagógica dificulta a resolução dos problemas que surgem no decorrer da ação docente.

Outra lacuna que ficou evidenciada no discurso das colaboradoras da pesquisa refere-se à forma desarticulada como foi trabalhado o conhecimento teórico, que se distanciava da prática.

BOA NOITE: - Mediante a proposta de formação dos educadores da década de 80, em formar jovens para lançar no mercado de trabalho, num universo até então concorrido, a minha formação inicial desfavoreceu-me na questão da vinculação entre teoria e prática, pois, para a época, o que dominava era a praticidade. Hoje, percebo claramente em meus estudos de pesquisa que ambas necessitam caminhar juntas.

GIRASSOL: - Hoje, tendo uma visão mais ampla sobre teoria e prática, observo que para nossa formação muito deixou a desejar, por vários fatores, dentre os quais posso citar o tempo muito restrito, a grande preocupação dos docentes em ministrar aula, bem como a falta de materiais didáticos ou até mesmo a falta de preparação do professor para ministrar determinada disciplina. Acredito que para a formação do professor é preciso que a teoria e a prática caminhem juntas, pois é importante conhecer e aplicar no dia-a-dia esse conhecimento, visando à realidade de sala de aula, tendo como base fundamental a teoria, que nos conduzirá para na realidade atender as necessidades do educando.

TULIPA: - Na minha formação inicial ficaram muitas lacunas no que diz respeito a como vincular teoria e prática na atividade docente. Isso devido à forma desvinculada da realidade, como fui preparada para exercer a profissão. Os conteúdos eram ensinados de forma descontextualizados, não nos esclareciam qual a utilidade desses na vida prática. Pois, havia dois momentos, o da teoria e o da prática, como se fossem duas coisas distintas, que não dependesse uma da outra. Era a cultura dessa prática que se vivenciava na instituição que foi formada, ou seja, em toda minha vida de estudante. Daí a dificuldade que temos hoje de articular a teoria e prática no desenvolvimento da prática docente, pois não é fácil se desfazer de conhecimentos e experiências que foram internalizados e vivenciados no decorrer de longos anos.

A vinculação entre teoria e prática deve ocorrer durante todo o processo de aprendizagem do professor-aluno, visto que, segundo Hengemühle (2007, p.133), “[...] a teoria é a referência para que o professor possa levar os alunos a compreender, de forma significativa, as situações mundo/vida e/ou tenham a capacidade de buscar auxiliados pela teoria, a solução dos problemas de sua época.”

A professora Girassol ressalta a necessidade de se articular teoria e prática no decorrer da formação do professor, já que o conhecimento teórico é a base para que, no contexto real, a prática possa atender às necessidades dos alunos. Neste sentido, Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004, p. 26) afirma que:

[...] a teoria desempenha um papel essencial em relação a dialética com a prática, sendo mais produtiva na medida em que se orienta em novas referências teóricas do saber científico (e outras formas de saberes), na medida em que se realiza com métodos sistematizados (atitude de pesquisa) que levam a uma posição crítica da prática em questão.

Tulipa aponta a dificuldade que os professores formadores tiveram de articular teoria e prática no processo de formação inicial, já que, na sua formação, teoria e prática eram trabalhadas em dois momentos distintos e estanques, o da teoria e o da prática. Conforme realça em seu discurso, “[...] não é fácil se desfazer de conhecimentos e experiências que foram internalizados e vivenciados no decorrer de longos anos.”

Oliveira, Almeida e Arnoni (2007, p. 120) afirmam que “[...] aplicar teoria em aula é algo complexo, em especial por tratar da relação de tensão entre pólos distintos, a *teoria* e a *prática* (ação pedagógica do professor com o aluno), envolvendo os processos de ensino e aprendizagem”. Porém, em nenhum momento a interação entre teoria e prática significa a submissão de uma em relação à outra, cada uma possui suas características e identidades próprias.

As muitas lacunas da formação inicial com relação à vinculação teoria e prática também foram apontadas pela participante Lírio.

LÍRIO – Durante a minha formação acadêmica no curso de Pedagogia, devo afirmar que muitas lacunas foram deixadas, sobretudo quanto às ações de sala de aula no que se refere à vinculação teoria e prática. No meu caso, que estava ingressando na universidade depois do curso Técnico em Contabilidade, sem nenhuma noção do que era ação docente, os conteúdos ministrados na academia não foram suficientes para a minha atuação. [...]. Portanto, senti necessidade de usar os conhecimentos adquiridos na academia na escola, mas não sabia como, pois o básico me faltava. [...]. Essas e outras carências me levaram a prosseguir nos estudos. Participar de cursos de formação continuada foi o caminho para tentar suprir as necessidades. Lá tive oportunidades de ouvir experiências e aprender técnicas e, conseqüentemente, aplicar na prática. Contudo, observei que estas ações copiadas nem sempre davam certo na minha sala. Senti necessidade de rever as teorias, pois as técnicas dos cursos de formação continuada de poucas horas não faziam aprofundamento teórico. Encaminhei-me para um Curso de Especialização, pois precisava ter clareza sobre as teorias em um curso de formação continuada mais longo, visto que é através de uma

formação mais consistente que passo a reelaborar minhas ações pedagógicas e criar uma metodologia de trabalho própria que conduza a aprendizagem de meus alunos.

O enunciado da professora Lírio demonstra que a formação inicial não a deixou apta a exercer a profissão Relativa à atuação em sala de aula. Sentindo esta necessidade, procurou participar de cursos de formação continuada, em nível de especialização, para estudo e mais aprofundamento das teorias, a fim de suprir as lacunas de sua formação inicial, bem como criar condições de construir uma ação pedagógica de forma mais consciente e competente, assegurando, assim, a aprendizagem dos alunos.

Observamos, na fala da professora Lírio, a dificuldade que sentiu em operacionalizar os conhecimentos assimilados na academia, dificuldade que foi provocada por uma formação que não teve suporte teórico-prático voltado para o contexto real do futuro professor. Nesta perspectiva, Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004, p. 169) defendem que o futuro profissional “[...] deve ser colocado em condições reais para poder desenvolver atividade diretamente vinculada à prática profissional, para assimilar conteúdos na própria prática.” Assim, cabe à agência formadora proporcionar condições para que o aprendiz de professor vivencie situações que lhes dêem condições de resolver situações-problemas que surgem no decorrer de sua prática.

Para que o professor se desenvolva profissionalmente, é necessário estar em permanente processo de formação continuada, uma vez que já é consenso entre os professores que a formação inicial não prepara total e definitivamente o indivíduo, desenvolvendo conhecimentos, competências e habilidades que perdurem por toda a sua vida profissional.

Margarida deixou bem evidente em seu discurso que, na sua formação inicial, a parte teórica foi muito rica, visto que a coordenação do curso e os professores tiveram grande preocupação em transmitir a essência dos conteúdos. A este respeito, a colaboradora se expressou da seguinte forma:

**MARGARIDA:** - Por em prática as teorias expostas durante o curso de graduação, no dia-a-dia de sala de aula não é tarefa fácil, pois encontra-se grandes barreiras que impedem o desenvolvimento desse processo. Sabemos que o nosso sistema educacional é muito falho e encontra-se preso ao tradicionalismo, uma vez que o ensino público não tem uma organização direcionada à qualidade de ensino, muitas vezes, se preocupa apenas com a quantidade de alunos, esquecendo que o mais importante é a aprendizagem, o raciocínio lógico e cognitivo dos alunos. Na minha formação inicial, a parte teórica foi muito rica, proveitosa, houve uma grande preocupação e compromisso por parte da coordenação e dos professores ministrantes do curso, no que diz respeito aos conteúdos que foram repassados, os mesmos se

preocuparam em transmitir a essência dos conteúdos, mas, infelizmente, pôr esta teoria em prática propriamente dita, ainda é uma utopia, porém, apesar dessas dificuldades, procuro desenvolver tudo que aprendi durante o curso de graduação com muito compromisso e determinação, fazendo um intercâmbio entre teoria e prática, para chegar a resultados positivos no meu dia-a-dia escolar.

O domínio do conteúdo não garante o bom desempenho do professor no desenvolvimento da prática docente, é necessário que ele conheça métodos e estratégias para desenvolver o processo ensino-aprendizagem com competência. É necessário que a teoria e a prática sejam trabalhadas de forma dialética. Nesse sentido, Hengemühle (2007, p. 30) afirma que os conteúdos internalizados “[...] não podem mais ser vistos como estanques, fragmentados e sem história.”

Em seu discurso, a professora Margarida evidenciou, de forma enfática, a dificuldade de por em prática, em sua ação docente, a teoria. Segundo Hengemühle (2007, p. 124), articular teoria e prática, “[...] é um grande problema que ocorre historicamente em nossas práticas pedagógicas, ou seja, ligar a teoria ao contexto, para a significação e/ou solução dos problemas”. Neste sentido a colaboradora, em seu discurso, afirmou procurar fazer intercâmbio entre teoria e a prática, para que possa chegar a resultados satisfatórios no seu fazer pedagógico diário. Com esta atitude, a partícipe tenta sair da concepção técnica de formação. Ressaltamos, com base em Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004), a necessidade da superação da concepção técnica de formação do profissional da educação, uma vez que essa concepção considera o professor como um mero executor de tarefas planejadas por outros, é necessário que ele passe a construir práticas pedagógicas fundamentadas em teorias historicamente elaboradas que tenham um significado para os alunos, auxiliando-os a compreender os problemas que surgem no cotidiano.

Neste sentido, de acordo com o discurso de todas as partícipes, confirmamos que a formação inicial é a etapa que inicia o processo de formação dos professores, esse que perdura por toda a vida pessoal e profissional. Desta forma, a análise das necessidades formativas das colaboradoras norteou a segunda parte do trabalho investigativo que realizamos. Na seqüência, passaremos a analisar o conceito prévio de teoria das colaboradoras.

## REFLEXÕES FINAIS

Vemos a necessidade das agências formadoras realizarem ações formativas que viabilizem o desenvolvimento profissional docente, haja vista, que a formação é um processo permanente e contínuo. Assim, as necessidades dos professores precisam ser reconhecidas pelas instituições formadoras e que os professores também assumam a responsabilidade com sua formação.

Nesse sentido, defendemos que as políticas de formação docente sejam voltadas para o atendimento das reais necessidades dos professores, respeitando o contexto histórico, a situação e os problemas, a fim de que estes possam atender as exigências da sociedade.

Em suma, a prática pedagógica é uma atividade complexa que, precisa da reconstrução contínua dos conhecimentos, sendo estes re(elaborados) no decorrer da formação do professor, formação esta que deve acontecer de forma coletiva, reflexiva e colaborativa. Assim, o processo formativo não deve ocorrer de forma isolada, mas por meio de troca de experiências, interações, ou seja, das relações que acontecem entre os docentes.

## REFERENCIAS

CAMPOS, Casemiro de Medeiro. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CANDAU, V. M. F. A formação continuada de professores: tendências atuais. In: REALI, Aline de M. R.; MIZUKAMI, M. da G. N. (Orgs). **Formação de professores: tendências atuais**: São Carlos: EDUFSCar, 1996.

DAMIS, Olga Teixeira. Formação pedagógica do profissional da educação no Brasil: uma perspectiva de análise. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; AMARAL, Ana Lúcia (Orgs.). **Formação de professores: política e debates**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

ESTEVES, M. **A análise de necessidades na formação de professores**. Portugal: Porto Editora, 1993.

HENGEMÜHLE, A. **Formação de professores: Da ação de ensinar ao resgate da educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

KULLOK, Maísa Gomes Brandão. Formação de professores: política e profissionalização. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo; KULLOK, Maísa Brandão Gomes. (Orgs.). **Formação de professores: política e profissionalização**. Maceió: Edufal, 2004.

IBIAPINA, I. M<sup>a</sup>. L. de M. **Docência universitária: um romance construído na reflexão dialógica**. 2004. 389 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

MIZUKAMI, M. da G. N. Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento profissional. In: REALI, A. M. de M. R.; MIZUKAMI, M. da G. N. (Orgs.). **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EDUFSCar, 1996. p. 59-91.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, E. M de; ALMEIDA, J.L. V. de; ARNONI, M. E. B. **Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática**. São Paulo: Loyola, 2007.

RAMALHO, B. L; NUÑEZ, I. B; GAUTHIER, C. **Formar o professor profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.